

Título: Compostos (Nominais) de Discurso Direto

Painel temático: Os corpora de fala do Brasil a) Português

Objetivos:

Instâncias da Interação Fictiva (Pascual, 2002; 2014) os Compostos (Nominais) de Discurso Direto (doravante CDDs, *Direct Speech Compounds* em inglês) consistem em compostos formados por um núcleo nominal cujo sentido é elaborado por um turno de fala, por exemplo, “*Maquiagem super acordei e sou linda*”. Tais turnos de fala são estruturados por um frame (FILLMORE, 1976) de conversação e favorecem a evocação metonímica de cenas a eles associados. Desse modo, o turno de fala aciona o conhecimento sócio-culturalmente compartilhado dos falantes para que esses reconstruam por integração conceptual e mesclagem (FAUCONNIER & TURNER, 2002) o sentido dos turnos de fala com os núcleos nominais que eles modificam. Portanto, a junção de um nome com um turno de fala forma uma estrutura conceptualmente nova, os CDDs, mas que pode ter pistas de formação de sentido em cada uma das partes que a compõem.

Assim, baseados no trabalho de Pascual (2002; 2014) investigamos os CDDs no português do Brasil por meio de pressupostos teóricos da linguística cognitiva (BERGEN; 2012, FAUCONNIER & TURNER, 2002; GOLDBERG, 1995; LAKOFF & JOHNSON, 1980, 1999; LANGACKER, 2008; TALMY, 2000; entre outros). Primeiramente, a pesquisa tem por objetivo verificar a ocorrência e as implicações semântico-pragmáticas dos CDDs em fala espontânea, em todo o corpus do C-Oral Brasil (MELLO & RASO, 2012) e, posteriormente, em fala não espontânea, em gêneros diversos. Os CDDs ocorrem em quais contextos interacionais? A formalidade ou não da fala se relaciona à produtividade dos CDDs? Trata-se de uma expressão linguística que requer graus diferenciados de monitoramento do falante em relação a uma elaboração de um nome por meio de um adjetivo, por exemplo? Por que o falante preferiu utilizar um CDD, ao invés de elaborar o sentido de um nome de um modo mais convencionalizado e comum como em “*Maquiagem maravilhosa*”?

Metodologia:

Nosso trabalho é guiado pelo paradigma misto (TASHAKKORI *et al*; 2007), pois utilizamos tanto evidências de frequência do fenômeno quanto construímos nosso

estudo a partir de dados não apenas quantitativos. Em um primeiro momento, lemos, ouvimos, analisamos e quantificamos as ocorrências de CDDs em toda a extensão do corpus C-Oral Brasil (MELLO & RASO, 2012). Posteriormente, fizemos uma pesquisa em gêneros diversos tais como editoriais de jornais e revistas, relatos de vida em blogs, entrevistas orais e escritas, aos moldes de Pascual (2014), a fim de verificar se a produtividade dos CDDs em fala não espontânea era diferente da espontânea, bem como entender se havia implicações semântico-pragmáticas diferentes das encontradas em fala espontânea.

A opção pela pesquisa em internet para fala não espontânea se justifica pela natureza multimidiática de *sites* de busca como o *Google*, pelo acesso integral e facilitado ao conteúdo de tais resultados e pela possibilidade de comandos específicos para pesquisa. Assim, podemos buscar a estrutura prototípica de manifestação dos CDDs, por exemplo: (as aspas são obrigatórias no comando): “*nome + **”, no qual o nome geralmente é um substantivo (ex: “*maquiagem*”) e o asterisco é um dígito coringa que pode resultar tanto em um sintagma comum, como “*maquiagem linda*” quanto um turno de fala, ou seja, um CDD como em “*maquiagem super acordei e sou linda*”, tutorial de um vídeo postado no *Youtube*, e também “*maquiagem eu nasci linda*”, página do Facebook.

Resultados parciais:

Os resultados parciais apontam grande diferença de produtividade de CDDs em fala espontânea e não espontânea, sendo os CDDs muito mais frequentes nesta segunda modalidade. A hipótese inicial é de que talvez o falante em fala espontânea prefira um modificador menos elaborado a um turno de fala para elaborar um nome, tal como um adjetivo, devido ao relativo menor monitoramento em fala espontânea em relação a uma entrevista escrita ou até oral, por exemplo. Assim, devido ao maior auto-monitoramento do próprio discurso, o falante poderia recorrer a algum CDD para causar efeitos diversos que deixam os CDDs mais atraentes em relação a um sintagma nominal comum. Entre eles, podemos citar o humor, crítica, escárnio, intensificador e outros, efeitos esses que só serão plenamente entendidos contextualmente situados, mas que, ainda assim, guardam pistas de seu significado por meio da evocação metonímica gerada pelo turno de fala e à simulação mental (BERGEN, 2012) e aos frames (FILLMORE, 1976) a eles associados, por exemplo: “*camisa cheguei*”; a “*geração eu*

me acho”; a “*postura de “eu quero que você suporte ouvir o que lhe desagrada, mas não suporto o desagrado de ouvir que o que eu disse lhe desagradou”*”, entre outros.